

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Did I Mention I Need You?*

Autora: *Estelle Maskame*

Copyright © Estelle Maskame 2015

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Maria Eduarda Colares*

Revisão: *Silvina de Sousa*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2018

Depósito legal n.º 443 295/18

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

[info@presenca.pt](mailto:info@presenca.pt)

[www.presenca.pt](http://www.presenca.pt)

# 1

Trezentos e cinquenta e nove dias.

Foi quanto esperei por este momento.

São os dias que contei. Trezentos e cinquenta e nove dias desde que o vi pela última vez.

As patinhas da *Gucci* na minha perna procuram chamar a minha atenção, mas eu, encostada à mala de viagem, trémula de excitação, não desvio os olhos da paisagem que se avista da janela da sala. São quase seis da manhã e lá fora o sol acaba de nascer. Contemplei-o a infiltrar-se através da escuridão, há vinte minutos, vi como estava bonita a avenida e como a luz do sol escorria pelos carros, até ao chão, e contornava os passeios. O Dean deve aparecer a qualquer momento.

Desço o olhar para a enorme cadela pastor-alemão, deitada aos meus pés. Baixo-me e coço-a atrás das orelhas até ela se rebolar, levantar e afastar-se na direção da cozinha. Resta-me voltar a olhar pela janela e rever mentalmente a lista das coisas que meti na mala, mas só consigo enervar-me, e acabo por deitar a mala no chão e correr o fecho para a abrir. Revolto a pilha de calções, os pares de *Converse*, a coleção de pulseiras.

— Eden, acredita no que te digo, tens tudo o que precisas.

As minhas mãos param e olho para cima.

A minha mãe está de pé, no meio da cozinha, de robe, a olhar para mim por cima do balcão, de braços cruzados. Tem a mesma expressão que lhe vejo há uma semana. Entre o preocupado e o chateado.

Suspiro e enfio tudo de novo na mala, comprimindo bem, volto a correr o fecho e ponho-a de pé, sobre as rodas. Levanto-me.

— Não consigo deixar de estar nervosa.

Não sei bem como descrever o que sinto. Há o fator nervos, obviamente porque não faço a mais ténue ideia do que me espera. Trezentos e cinquenta e nove dias é muito tempo e as coisas podem mudar. Posso

encontrar tudo diferente. Por outro lado, também me assusta a ideia de que as coisas podem não estar diferentes. Tenho pavor a que, no momento em que o vir, tudo se repita. É o problema com a distância: pode tornar mais fácil deixares para trás uma pessoa, ou, pelo contrário, fazer-te compreender quanto ela te faz falta.

Neste momento, não faço a menor ideia se sinto simplesmente a falta do meu meio-irmão ou a falta da pessoa por quem me apaixonei. É difícil distinguir. São a mesma pessoa.

— Não estejas — diz a minha mãe. — Não há qualquer motivo para nervos. — Entra na sala, com a *Gucci* aos saltos atrás dela, observa a vista pela janela e senta-se no braço do sofá.

— Quando chega o Dean?

— Agora — respondo com voz sumida.

— Só espero que fiquem presos no trânsito e que percas o avião.

Ranjo os dentes e olho para o outro lado. A minha mãe tem sido contra esta ideia desde o momento em que lhe falei nela. Ela não está disposta a perder um único dia e acha que eu ficar fora seis semanas é precisamente isso: tempo perdido. Restam-nos poucos meses para estarmos juntas, antes da minha partida para Chicago, no outono. Para ela, é como se fosse a última vez na vida em que me vê, o que não é de todo verdade. Terminados os exames finais, estarei de regresso a casa, na primavera.

— Estás assim tão pessimista?

Por fim, a minha mãe esboça um sorriso.

— Não estou pessimista. Apenas ciumenta e um pouco egoísta.

Neste momento, ouço o motor de um automóvel. Sei que é o Dean antes de olhar, quando o carro chega ao cimo da rampa e o ronronar suave do motor se cala. Jack, o namorado da minha mãe, estacionou a camioneta um pouco mais acima, por isso tenho de esticar o pescoço para o ver.

O Dean abre a porta e sai, mas os seus movimentos são lentos e o rosto inexpressivo, como se estivesse ali contrariado. Não me surpreende nem um bocadinho. Na noite anterior, só respondia por meias palavras e passou o serão quase todo a olhar para o telemóvel. E quando eu saí de casa dele, não me acompanhou até ao carro, o que normalmente faz. Tal como a minha mãe, também ele está um pouco chateado comigo. Formase-me um nó na garganta e esforço-me por o desfazer puxando a mala e rodando-a em direção à porta da rua. No caminho, contudo, detenho-me a fim de olhar para a minha mãe, que me fixa com uma expressão ansiosa. Está finalmente na hora de sair para o aeroporto.

O Dean não bate à porta antes de entrar. Nunca bate; não precisa. Mas a porta abre-se mais lentamente do que é habitual e só depois os passos dele se fazem ouvir, parecendo cansados.

— Bom dia.

— Bom dia, Dean — responde a minha mãe. O seu vago sorriso contrafeito abre-se numa expressão mais desanuviada quando estende a mão para lhe apertar afetuosamente o braço. — Ela está pronta para ir.

Os olhos escuros do Dean encontram os meus. Normalmente sorriem quando me vê, mas esta manhã mantêm uma expressão neutra. Porém, arqueia as sobrancelhas numa interrogação, como se perguntasse: «Estás mesmo?»

— Olá — digo, e estou tão nervosa que a minha voz soa fraca e patética. Olho para a mala e depois para o Dean. — Obrigada por fazeres isto no teu dia de folga.

— Nem me lembres disso — responde; entretanto, começa a sorrir, o que me deixa mais à vontade. Avança para pegar na mala. — A esta hora podia estar ainda na cama, a dormir até ao meio-dia.

— És bom de mais para mim. — Aproximo-me dele e ponho os braços à sua volta, com a cara escondida na sua camisa, enquanto ele se ri e tenta afastar-me. Levanto o rosto para o olhar, por entre as pestanas. — Estou a falar a sério.

— Ai! — exclama a minha mãe, em tom nostálgico, ao nosso lado, e só então reparo que ela está ainda na sala. — Vocês os dois são tão queridos.

Lanço-lhe um olhar de advertência, antes de voltar a fitar o Dean.

— E esta é a deixa para nós irmos.

— Não, não, primeiro ouçam-me... — A minha mãe levanta-se, e o seu breve sorriso desaparece, substituído por uma expressão de amargura. Temo muito que, quando eu regressar, esta expressão se tenha tornado permanente. — Não andes de metro. Não fales com desconhecidos. Não metas os pés no Bronx. E, já agora, por favor, volta para casa viva.

Reviro os olhos, impaciente. Levei com uma palestra semelhante, precisamente há dois anos, quando estava de partida para a Califórnia para retomar o contacto com o meu pai, só que as advertências, nessa altura, eram mais sobre a sua pessoa.

— Eu sei — respondo. — Essencialmente, não faças nada estúpido. Ela olha-me com firmeza.

— Exatamente.

Largo o braço do Dean e avanço para ela, envolvendo-a nos braços. Abraçá-la é uma receita certa para a calar. Resulta sempre. Aperta-me fortemente e suspira contra o meu pescoço.

— Vou sentir a tua falta — murmuro, mas mal se ouve, abafado.

— E sabes melhor do que ninguém quanto vou sentir a tua — diz, afastando-se de mim, mas mantendo as mãos pousadas nos meus ombros. Olha para o relógio na parede da cozinha e depois, suavemente, afasta-me, empurrando-me para o Dean.

— Vá, é melhor ires-te embora, se não quiseres perder o avião.

— Sim, é melhor despacharmo-nos — concorda o Dean. Abre a porta da rua e empurra a minha mala para a saída, fazendo nova pausa. Talvez para ver se a minha mãe não terá mais algumas palavras de aconselhamento desnecessárias para me dar antes de eu partir. Felizmente, não tem.

Agarro na mochila, que deixara em cima do sofá, e sigo Dean, não sem me virar uma última vez, para acenar um adeus à minha mãe.

— Espero ver-te daqui a seis semanas.

— Para de mo recordar — diz ela e, sem acrescentar mais nada, fecha a porta. Ergo os olhos ao céu e atravesso o relvado. Ela vai superar. Mais tarde ou mais cedo.

— Bem — diz o Dean, por cima do ombro, para mim, que o sigo até ao carro —, pelo menos não sou o único a ser abandonado.

Fecho os olhos com força e passo a mão pelo cabelo, parando junto da porta do passageiro, enquanto ele atira a mala para o porta-bagagens.

— Por favor, Dean, não comeces tu agora.

— Mas não é justo — barafusta. Entramos no carro ao mesmo tempo e, no momento em que ele bate com a porta para a fechar, deixa escapar um protesto: — Por que raio tens de te ir embora?

— Não me parece que seja assim tão grave — digo, porque, na realidade, não vejo qual é o problema. Tanto ele como a minha mãe estiveram desde o primeiro minuto contra a ideia de Nova Iorque. Como se achassem que eu nunca mais vou voltar a casa. — É apenas uma viagem.

— Uma viagem? — ironiza Dean. Apesar da sua disposição agreste, decide-se a ligar o motor e pôr-se a caminho, saindo para a estrada na direção sul. — Vais estar fora seis semanas. Depois vens, ficas um mês e segues para Chicago. Tudo a que tenho direito é a cinco semanas contigo. Não chega.

— Ah! Mas vamos fazer com que sejam o máximo. — Sei perfeitamente que, diga eu o que disser, nada ajudará a melhorar a situação, porque este momento cresce e ganha corpo há vários meses. Por fim, o Dean decidiu pôr tudo cá para fora. Há uns tempos que eu esperava que isto acontecesse.

— Não é essa a questão, Eden — e, por um momento, o tom dele reduz-me ao silêncio. Apesar de esperar que isto sucedesse, parece-me estranho ver o Dean irritado. É raríssimo discutirmos, porque, até hoje, nunca discordámos em relação a coisa alguma.

— Então qual é a questão?

— Simplesmente o facto de que preferiste passar seis semanas longe do que comigo — responde, mas, entretanto, a sua voz está mais calma. — Nova Iorque é assim tão fantástica? Para que raio precisa alguém de seis semanas em Nova Iorque? Porque não apenas uma?

— Porque ele me convidou para passar seis — reconheço. Talvez seis semanas seja muito tempo, mas quando aceitei pareceu-me a melhor ideia do mundo.

— Porque não pudeste optar por uma solução de compromisso? — A cada segundo que passa, a sua expressão fica mais contraída e agita as mãos em sincronia com as palavras, o que provoca uma condução algo agitada. — Porque não podias limitar-te a dizer: «Sim, claro que tenho muito prazer em aceitar, mas duas semanas parece-me suficiente, que achas?»

Cruzo os braços sobre o peito e volto-me para o lado, a olhar para a paisagem, pela janela.

— Está bem, acalma-te. A Rachael não se queixou uma vez por eu ir. Porque não podes fazer como ela?

— Tudo bem, a Rachael é a tua melhor amiga, mas eu sou o teu *namorado*. E talvez também porque ela vai encontrar-se contigo enquanto estás lá — replica ele, exaltado, com o que, devo admitir, é verdade. A Rachael e a nossa amiga Meghan, que eu mal voltei a ver desde que foi para a Universidade de Utah State, tinham há meses planeado uma viagem a Nova Iorque, convidando-me a alinhar com elas, mas o Tyler adiantou-se. De uma forma ou de outra, eu iria a Nova Iorque este verão, isso era certo, mas não posso deixar de compreender que o Dean se sinta excluído, quando eu, a Rachael, a Meghan e o Tyler — praticamente todo o nosso grupo de amigos — vamos estar reunidos em Nova Iorque sem ele.

O Dean suspira e fica em silêncio, e nenhum de nós diz uma palavra até ao semáforo seguinte.

— Estás a obrigar-me a passar por esta cena toda da relação-à-distância mais cedo do que é necessário — protesta. — É inacreditável.

— Muito bem, inverte a marcha do carro — respondo, bruscamente. Volto-me para o olhar de frente e abro as mãos, num gesto de desistência. — Não vou, pronto. Ficas contente?

— Não — responde. — Vou levar-te ao aeroporto.

Durante a meia hora seguinte, instala-se o silêncio. Não há mais nada sobre que falar. O Dean está furioso e eu não sei bem o que dizer para o animar um pouco; portanto, mantemo-nos neste mutismo tenso durante todo o percurso até ao terminal 7.

Ao chegar à curva ao lado da entrada para as partidas, o Dean desliga o motor e encosta, volta-se e fita-me intensamente. São quase sete horas.

— Pelo menos podes telefonar-me, tipo a todas as horas?

— Oh, Dean, sabes bem que sim. — Suspiro e sorrio meigamente, esperando que ele ceda à intensidade do meu olhar. — Faz os possíveis por não pensares muito em mim.

— Como se fosse fácil — responde. Outro suspiro. Mas quando ele retribui o meu olhar, parece-me que está a desanuviar um pouquinho. — Anda cá.

Agarra a minha cara com ambas as mãos, reclinando-me ligeiramente sobre o tabliê, até os seus lábios encontrarem os meus, e em breve é como se a nossa discussão não tivesse existido. Beija-me devagar e acabo por ter de o afastar suavemente de mim.

— Estás a tentar que eu perca o avião? — Arqueio uma sobrancelha, enquanto abro a porta do carro e rodo as pernas para sair.

Dean sorri.

— Talvez.

Reviro os olhos e saio, pondo a mochila em cima do ombro e fechando suavemente a porta. Tiro a mala do porta-bagagens e contorno o carro para passar pela janela dele, cujo vidro desce quando me aproximo.

— Faça favor, é a menina de Nova Iorque?

Levo a mão ao bolso e tiro a nossa nota de cinco dólares, a mesma que circula entre nós desde que nos conhecemos, numa situação que o justifique, sempre que um de nós faz um favor ao outro. A nota está já inacreditavelmente rasgada e amarrotada, e espanta-me que ainda não se tenha desintegrado.

— Cinco dólares pela viagem.

Dean aperta os lábios ao receber a nota da minha mão, mas não consegue esconder o sorriso.

— Deves-me mais do que cinco dólares por isto.

— Eu sei. Desculpa. — Insinuando-me pela janela, prego um grande beijo no canto dos seus lábios e, por fim, volto-me para entrar no terminal. Atrás de mim, ouço o som do motor do carro a arrancar.

Já há quase dois anos que não entro no LAX, portanto, parte de mim gostaria que o Dean tivesse entrado comigo, mas decido que é melhor não prolongar tudo isto por mais tempo do que o essencial. Ele odiaria ver-me desaparecer para lá do *check-in*. Além disso, consigo desenrascar-me sozinha. Penso.

Como previra, o terminal está incrivelmente movimentado, apesar da hora matinal. Abro caminho pelo meio da multidão até alcançar um local livre onde posso parar por um momento. Fazendo deslizar a alça da mochila do ombro, procuro no seu interior e tiro de lá o telemóvel. Abro as mensagens escritas, agarro na mala, puxo-a na direção do *check-in* e começo a teclar.

Parece que a próxima primavera chegou. Até breve.

E depois envio para a pessoa por quem espero há trezentos e cinquenta e nove dias. Para o Tyler.